ANO 5.°—N.° 234. Guimarãis, 26 de Julho de 1936. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.°-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

LITERATURA PSICOLOGICA

De como o autor tem legítimas dúvidas de não ter já sido solípede.

(Conclusão do n.° anterior)

V

Aspecto sub-superficial

Individual e social

Não é verdade que nós, os seres masculinos, tanto mais elogiamos um pé feminino quanto mais pequeno êle seja, motivo por vezes de um calçado apertado martirisante e deformado? E porquê? Sim; porque esta tendência, êste instinto masculino?

Não é verdade que para rapazes — e porque não dizer mesmo para saídos da adolescência, — uma bela tarde é aquela em que se entretém ás cavaleiras recíprocas? E porquê?

Não é verdade que a creança nas suas perrices, a mulher nervosa nos seus desacôrdos, a plateia máscula nos seus desagrados, para exprimirem a sua reacção batem com os pés ou pateiam? Pois não seriam as mãos as mais naturalmente apropriadas, por mais próximas do cérebro, para transmissoras gesticulares das sensações do intelecto?

Está-se na era da materialidade do automóvel. Recue-se porém: E' uma dama de amazona ou um cavaleiro que vai cavalgando. Em que reside o seu orgulho? Antes de tudo no seu cavalo. E ao passarem defronte de nós, em que reparamos primeiro que tudo, com desgôsto de não sermos nós mesmos os possuídores? Na "*magnífica estampa*„. E esta exclamação é-nos espontânea.

Entre-se agora num circo: Decorre o espectáculo e socegado a assistência infantil. Chega o número dos clowns e quando um dêles se coloca semi-deitado e transporta ás costas o ontro, que sucede? Aquela assistência metamorfoseia-se: ri; bate palmas; saltita; levanta-se; delira.

Com que deliravam os romanos? Não era com as corridas de quádrigas? Com que se delira na actualidade, fazendo os melhores vestidos e as maiores apostas? Não é com as corridas de cavalos?

Nas canções de gesta e na descrição dos torneios de outrora o que nos seduz principalmente? Não são os combates a cavalo, embora os combatentes encobertos sob as armaduras? E não diminui o efeito se êles desmontam?

Nas feiras francas actuais, o que é que produz a *sensação*, o melhor dia? Não são os solipedes bem ajaezados, com suas crinas lustrosas quais cabeleiras ao vento, a sua cauda enlaçada, o seu trote elegante?

Nas touradas, sôbre o que incide a atenção no cortejo inicial? Não é sôbre a entrada a cavalo, por muitos e bem vestidos que sejam os capinhas que a rodeiem a pé? E então se é igualmente cavalgável o dromedário nas travessias desérticas, e se o elefante causa admiração como no tempo de D. Manoel, andará em tudo isto sòmente preferência ou atracção especial por uma espécie zoológica?

E' ver como a creança exposta, ignorante dos seus progenitores, ao encontrar-se com algum ascendente, sente para êle uma atracção natural, instintiva, e meditar sôbre aquela atracção.

VI

Aspecto interno

Nós perante a Natureza

A contradição existente entre nós e a Natureza, que se nos apresenta curvilínea, enquanto que o nosso cérebro observa retilineamente, é clara.

— "Mas que tem essa contradição com o solípede?„—reflectir-se-á. Tem a sua teimosia e o seu andar retilíneo, não lhe sendo talvez nesse sentido muitos animais comparáveis.

Olhe-se atentamente o que nos circunda: Tudo curvo: concavidade celeste; orla do horizonte; estrêlas e sol; planetas e lua; troncos vegetais e seus frutos; — animais e seus óvolos; giro do vento; ciclones e anti-ciclones; ondulação marítima e serpentear fluvial; e nos minerais mesmo, como na neve, cristalisações sem arestas cortantes e de conjunto circular.

E quanto a curva oferece maior resistência ou maior andamento, sendo por vezes sem ela impossível o movimento, sabem — os construtores de navios aquosos ou aéreos, indo-os terminando em ponta suavemente; os arquitectos fazendo suportar por arcos abatidos pontes e túneis; os engenheiros modificando côncava ou convexamente a direcção dos trilhos para comboios e eléctricos.

E nós, envolvidos, mergulhados em curvas, em que teimamos? Na linha reta, sòmente deixando de nos servir dela contrariados.

Se vamos na retaguarda de comboio a reparar na linha férrea, logo começamos mentalmente a projectá-la em zig-zag, em linha quebrada, formando ângulos agudos; se vamos à ré de um navio, logo nos extasiamos a fixar o seu sulco direito, atravez das águas; se vemos uma guiga ou um automóvel-torpedo, não achamos a sua forma atraente.

Quási todos os nossos móveis de uso permanente doméstico são de arestas quadrangulares; quadrangulares são a maior parte das praças públicas; em reta ou cortadas em ângulo recto abrimos ruas e avenidas.

Até onde chega a nossa oposição à linha curva demonstra-se em que perante uma área curvilínea não descançamos enquanto não a reduzirmos a área de linhas retas. E para quê? Para trocarmos uma aparência por outre aparência sem avanço algum. Em vez de pretendermos formar uma idéa nítida de uma área retilínea dizendo que ela vale tantos sectores curvos, o que pretendemos é afirmar que uma área curva vale tantas unidades quadradas para a percebermos com nitidez.

No entanto se a tradução curvilínea é a adaptação mais adequada à Natureza, que haverá em nós que nos incline em contrário do campo da nossa visão? Ancestralidade ou não ancestralidade?

E se a nossa directriz desde épocas pretéritas é a da linha e ângulo recto, pois que fomos endireitando as ruas, quadradas, da Idade-Média; pois que fomos quadrangulando as moradas do viver primitivo — cabanas ou cubatas circulares, como no-lo asseveram vestígios de habitações pre-históricas, — que conjecturar?

Que assim como o indivíduo na senectude tende a imitar a sua infância, assim o homem no reuqinte ou declínio da civilização tende a repetir o que fôra antehumanamente, e o que fôra fôra-o com teimosia de linha recta.

VII

Aspecto básico

Individual, familiar e social

Individualmente qual é para os filósofos, na Psicologia comparada, o animal tetrápode ponto de discussão da igualdade de essência anímica com a do homem, o que equivale a dizer o animal com o qual temos mais íntima afinidade? E' o cavalo, pela sua elevada inteligência, muito embora a nossa expressão seja a de inferioridade para o bucéfalo, seu parente, e muito embora as máquinas de contar contem com perfeição e certeza, apesar de inertes.

Provada então pela psicologia a grande afinidade entre o equídeo e o ser humano, não estará nela a explicação da nossa simpatia por êle?

Que pensam os naturalistas, os fisiólogos, ao tratarem da embriogenia? Que o homem na sua evolução intra-seio materno percorre fases com traços de semelhança para com estados permanentes em outros animais, ou cada indivíduo na sua vida de gestação repete brevemente as fases pelas quais passou a respectiva espécie, facto importante êste para a criminologia poder determiñar o momento em que o futuro ser humano o começa a ser, e consequente e paralelamente a Filosofia concluír se apenas a partir de um *quantum* de elevação espiritual a essência anímica é mais que uma função, isto é, a partir de que grau anímico o ser aparentemente humano é na realidade "*homem*„.

Mas se pela evolução a espécie humana na sua lei biogenética tocou ou atravessou a forma asinina, mesmo num seu antepassado hipparion, que de admirar que fôsse ela a que mais pronunciadamente nos influíu, que fôsse nela que mais nos demoramos na época geológica ante-quaternária, em que a sombra da arborisação nos seria tão querida como é agora a frescura dum bosque, e a verdura tão apreciada como nos é agora um relvado? A própria luta pela vida nos inclina à afirmativa: as espécies animais não se devoram a si, mas as inferiores, e nós devoramos gado doméstico — bovino, lanígero, suíno, até mesmo felino quando nos dão gato por lebre, e só dificilmente tragamos gado asinino. Porquê? Não será pela similitude ancestral da espécie?

E' aqui que tem a palavra a psicologia teratológica ou dos chamados "*monstros*„:

Entre êles, em que proporção tem aparecido os de crâneo esguio e mento sobresaliente, os de cóccix alongado, os sem dedos nos pés ou com mais de de dois pés? Excepção? Quantidade apreciável? Preponderante?

Como o ignoro, sirvo-me de outro meio — as creanças: Não começam por agatinhar, por andar nos quatro membros, como locomotores, e não é só à custa de esforços e contrariedades que conseguem firmar-se nos dois pés?

"Argumento fútil„; —retorquir se-á. Mas os pintaínhos, por exemplo, de ascendência anterior à dos quadrúpedes, andam logo, ao saír do ovo, apenas em dois pés, sem pousarem no chão as mãos, isto é, as azas...

Famaliarmente não me alongo; contento-me em fantasiar uma scena em recinto doméstico.

— "Fantasia!?... Que valor tem isso?„ — parece me estar já a ouvir. Por si não tem valor; porém já o adquire se cada um a testemunhar para consigo, mostrando a sua realidade.

Sala de costura: Esposa a costurar e o menino num cavalinho de pau. Entrada do marido e pedido do filho: — "cavalo, papá!„ Colocação das mãos dêste no soalho e passeio daquele ás costas. Radiante o pequeno no cavalo vivo; contentíssimo o pai na sua situação. Situação sub consciente a recordar tempos pretéritos ante-humanos ou não? E a minha fantasia intensifica-se-me tanto mais quanto maior é a ilustração do pai, a sua posição elevada ou o seu todo conselheiral.

Se verdadeira a scena que deduzir dela?

Socialmente não sei se fantasio.

De verdade histórica sei que com D. João 6.°, após a Vila — Francada, gente grada desatrelou os cavalos e conduziu o cóche real.

Também, se a memória me não falha, em alguma recepcão política teria a gente mais importante da localidade procedido semelhantemente.

Quantos seriam os casos a apurar, dessas atitudes advindas do auge do entusiasmo? E apurados, com persistência suficiente para a classe mais ilustrada local ou de ocasião, que concluír?

Que haveria certamente um meio mais lógico de exprimir a satisfação; mas que o instinto, o atavismo é que nêsses momentos teria vencido.

E porque a gente ilustrada corresponde a um aumento de civilização, — abstraindo, passando de casos concretos à idéa de uma *lei psicológica*, talvez se podesse estabelecer que "*o ser de confirmação humana, entusiasmando-se, super-excitando se, não encontra melhor meio de se expandir, de gastar o excesso de energia, que repetir uma sua fase ancestral, do mesmo modo que o indivíduo velho tende a repetir a sua infância*„.

Está finda a minha jornada. Encararam-se a sério as minhas razões ou, pelo contrário, sòmente a custo se terá reprimido uma gargalhada inutilizadora do meu trabalho?

Neste caso entendo de mim para mim que o motivo deriva do animal que serviu de objecto dêste artigo. Fôsse êle outro; fôsse por exemplo, um pavão ou uma arara, e já se admitiria a possibilidade do atavismo. Dir-se-ia até. — "Efectivamente, entre o iriado dessas aves, a sua linda roupagem, e a imaginação do homem que se veste de variegados matizes, e que desde a antiguidade vem revestindo o corpo de mil adornos, é de aceitar uma certa relação. Mas com um solípede?!... com um ser concentrado, de um todo filosófico!... que afinal, embora utilizando o seu préstimo, ponos *à margem...*, isso é impossivel„.

Questão de preconceito. Não raro acontece o mesmo socialmente: Sai do humildade campestre um rapaz; vai para a cidade; educa-se à custa de sacrifícios paternos e eleva se. Não lhe custa então acompanhar uma donzela ataviada, qual arara, mas já se constrange a acompanhar os progenitores que ficaram para traz na moda, na elegância, na civilização.

Por isso, por mais que o tema versado aparente de irónico, um dia virá em que o — "*conhece-te a ti próprio*„ — será visto do alto, e êsse tema averiguado e tratado tecnicamente, se não prestará a sorrisos.

E ter se-à pago ao solípede uma dívida de gratidão.

Nulus.

Erratas apontáveis da parte anterior: Em vez de: «feitos para mártir»; «barro já removente»; «apreciar o que os seus autores»; «de Lanhudo», — o seguinte: «feitio....»; «....semovente»; «apreciar o sal que....»; «de Sanhudo».

Orfeão do Pôrto

Como já noticiamos o Orfeão do Pôrto visita hoje esta cidade, onde será carinhosamente recebido pelas colectividades e pelo povo, ás 15 horas, hora a que deve chegar à estação do Caminho de Ferro o combóio especial que conduz os componentes daquêle distinto agrupamento Artístico da Capital do Norte. Após o cortejo de recepção efectuar-se-á na Câmara Municipal a sessão de bôas-vindas.

A' noite, como já foi anunciado, realizar-se-á nos Claustros do antigo Convento de Santa Clara, hoje Liceu de Martins Sarmento, o Sarau de Gala em que tomam parte aquêle grupo orfeónico bem como o Orfeão de Guimarãis, das dignas regências dos Maestros Raúl Casimiro e Filinto Nina, respectivamente.

Sabemos que há grande interêsse por esta visita e pelo Sarau que, com certeza, vai constituír um espectáculo verdadeiramente brilhante e inédito.

Os bilhetes para o Sarau têm tido muita procura o que é prova suficiente do que acima fica dito.

A seguir damos o programa do Sarau Orfeónico:

Pelo Orfeão do Pôrto sob a direcção do consagrado Maestro Raúl Casimiro:

I parte

I — *Canções portuguesas* harmonizadas por Hernâni Tôrres.
a) *Sapateia* (Dansa) Açôres.
b) *Maria! Minha Maria!...*, (canção Alentejana).
II — *Negra Sombra* (melodia galega).
III — *A Esperança e a Morte* — Hernâni Tôrres.

Pelo Orfeão de Guimarãis sob a regência do seu Director-Artístico, professor Filinto Nina:

II parte

I — *Coimbra Lendária* — Dr. Edmundo Barbosa.
II — *P'ró Mar* — Armando Leça.
III — *Orvalhadas* — Manuel Tino.
IIII — *Adoramus te* — Palestrina.

III parte

Acto de Variedades — canções e recitativos pelos componentes do Orfeão do Pôrto e Orfeão de Guimarãis.

IV parte

a) *Remar! Remar!* (canção portuguesa a seis vozes) harmonizada por Hernâni Tôrres.
b) *Meu filliño* (melodia galega a seis vozes) — Angel Abad Alday.
c) *Malhar! Eh! Rapazes!* .. — Raúl Casimiro, côro mixto e solos.
d) *Tannhauser* — côro dos velhos peregrinos — R. Wagner.

Agradecemos o bilhete que nos foi oferecido.

Críticas Pequeninas

Tôda a Imprensa tem festejado o aparecimento do recente livro de Joaquim Manso — **PEDRAS** PARA A CONSTRUÇÃO DUM MUNDO.

E' um volume tentador.

A Casa Bertrand fêz dêle um amorzinho.

Vinhetas de formosura vária.

Edição primorosa.

Brochura sem rival.

Pena é, e grande, que na ortografia a incoerência se alie ao carinho num abraço que faz dó.

* * *

O dr. Joaquim Manso é no livro o que é no jornal — *O Diário de Lisbôa*.

Um espírito superior.

Com uma erudição que faz a inveja dos nossos jornalistas. E todos lhe querem bem.

Com uma tolerância que sofre tôdas as doutrinas. Mas em tôdas procura pedras para o seu espiritualizar do Mundo.

Com uma elegância de estilo e uma subtileza de conceitos e um jôgo de frase que o colocam em pedestal altaneiro na vasta arena do nosso jornalismo.

G.

Feiras Francas de S. Gualter

Conforme já noticiamos, realizam-se nos próximos dias 1, 2 e 3 de Agôsto as antigas *Feiras Francas de S. Gualter*, havendo nos três dias, à noite, iluminação, fôgo e música.

A banda de Infanteria 8 realiza dois concêrtos no Jardim Público, recinto êste que estará iluminado e no Campo da Feira far-se-ão ouvir as bandas dos B. V. de Guimarãis e do Pevidém.

Será lançado durante os festivais fôgo de artifício dos conhecidos pirotécnicos da Ponte da Barca, Lanhelas e Taipas.

No Campo da Feira estão construídas algumas barracas.

Relicário de amor

Página triste

Foi ontem pela tardinha,
Que o meu olhar magoado
Viu poisar-se num telhado
Uma gentil andorinha.

Arauto da Primavera,
Em agoirenta Cruzada,
Eu lamentei a jornada
Que a pobrezita fizera!

Foi ontem, pela tardinha...
Apolo tombava exangue,
Lá longe, no Mar imenso!

E eu, então, peguei no lenço
Em que antes cuspira sangue,
E mostrei-o à andorinha...

Ai, agora compreendo
Porque vens vêr-me tão pouco...
E' que a tossir, sempre rouco,
Dia a dia vou morrendo!

Rareiam os teus fervores,
Ao passo que a tumba avança...
Tens razão: tu és criança
E eu... um velho, já sem côres!
.....

Visitaste-me há três dias...
Mas vai longe a alma nova
Que num beijo me trouxeste!

Nunca mais apareceste...
E eu, a caminho da cova,
Contando as horas sombrias!

Lixa, Julho de 1936.

Altinino Gonçalves.

FESTEJOS A S. CRISTÓVÃO

Começaram ontem, e prolongam-se hoje até à noite, os festejos promovidos pelos Motoristas de Guimarãis, na forma dos anos anteriores, em honra do seu Patrôno S. Cristóvão, e cujo programa publicamos no nosso último número.

Na Penha haverá, hoje, cerimónias religiosas, da parte de manhã, divertimentos durante a tarde, com música e fôgo.

Ainda a Homenagem Póstuma ao Padre Gaspar Roriz

Discurso proferido no salão nobre da S. M. S. pelo ex.mo sr. Dr. Eduardo de Almeida:

Ex.mo Sr. Presidente da Câmara Municipal, Digno Representante de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, Ilustre Presidente da Soc. Martins Sarmento, minhas Senhoras, meus Senhores:

Foi no Domingo — 28 de Julho de 1889 —, em S Miguel de Creixomil, pelas 5 horas da tarde, que o saüdoso Gaspar Roriz prègou o seu primeiro Sermão, ainda estudante do Curso Teológico.

Em 1889! — como parece esta pequena data, sendo vizinha apenas de 47 anos, longe e distante como se rolassem os séculos!

Entretanto...

Pela manhã de Abril amena e límpida, entre a borbulhante rescendência das flôres, o canto namoroso das aves, o aloirecer brando do sol magnífico, em que a mocidade entra na vida, a mocidade sorri — sorri na frescura da sua inteligência, ainda embrulhada em sonho como o desmaiado canto do rouxinol ao estremecer da luz; sorri na ironia, fácil mas espontânea e admirável de suas ilusões, ainda não amarguradas —, a mocidade sorri de todo o preconceitualismo ambiente. Sua elegância do último figurino — mesmo no desalinho e na pobreza —, a moda em ensaio e inclinío do pensamento — moda que é sempre a de dois misticismos adversos —, as suas gravatas novas, suas novas utopias, chasqueiam e desdenham das figuras e das paixões que passam, cansadas como sombras gastas, no amolecer encinzado da tarde, por êste árido deserto, em arraial soturno, da existência comedida e regrada, da sociedade estabelecida e dominante.

Assim foi... assim é... e porventura será assim — se a mocidade persistir em continuar uma renascença espiritual, como é a da primavera na rotação do ano.

E foi passados alguns, depois de 89, a êsse bom e leve sorriso de mocidade — longe e distante como se rolassem os séculos... —, que eu conheci, na Guimarãis de então, o Padre Gaspar Roriz, já de nome feito e consagrado.

Vejo-a — e via então mais fundo e mais claro sem a moderna fulgorescência eléctrica —, vejo-a na sonolenta penumbra das lâmpadas de petróleo, aliciante ao sonho da poesia e do amor, com suas pesadas muralhas a enclausurá-la, antigos solares discretamente recolhidos e encolhidos, ângulos de conventos — donde se esvaíam em surdina espectral, murmúrios tímidos como segrêdos dolentes —, casebres esbeiçados e rústicos — com o bater de pêndulo no arfar dos corações e no baloiçar dos berços — casas burguesinhas na dissemetria da escala das fortunas, ruínhas estreitas que os passos, de noite, feriam de escândalo, a praça, o largo, o jardim, grades, árvores, fontes, numa tam calma e doce monotonia que parecia desafiar, como a velhice que se eterniza em sua perduração teimosa e agarrada, as convulsões do tempo.

Ali o trabalho era intenso e duro — eu creio que o viver custou sempre a viver —, como vário e pitoresco — e não tanto em série e em bicha como hoje —, e de logo as primeiras horas do arrebol, como em cascata relojoada, mil rumores confusos estreloiçavam, afanavam-se os misteres, moviam-se em tarefa e algazarra armazéns, lojas e oficinas, suavam e esbaforiam as gentes, mas de compasso, muito serenamente, como as horas no sino da tôrre ou a curva do sol do nascente ao ocaso, frugais as comidas, sóbrias as falas, calendarizadas as festas, as ambições — oh! as ambições contidas e bem cabendo satisfeitas a-dentro-das pedras negras e vèlhinhas das fortes muralhas medievas.

Além do quadro, vulgar e conhecido em muitas outras terras de província, esta conservava o génio fidalgo da sua nobre ascendência afonsina — a entroncar-se na muito mais remota e não menos heróica ascendência das citânias —, retemperava as suas qualidades de trabalho, sacudida pelo avanço da máquina — verdadeiro drama de transformação social —, tornando-as em forte e magnífico potencial de energia, mantinha a devota piedade crescida à sombra da oliveira e... e conseguia formar um clan intelectual muito curioso e selecto.

Já não é tam vulgar. E menos ainda que, predominando êsse tempo o individualismo e as teorias da liberdade económica-política, e em período interno desagregário e confuso, êsses homens de figura marcante — médicos, advogados, sacerdotes, letrados de formatura, e alguns do trabalho, que haviam adquirido certa cultura em aturadas e amorosas vigílias —, independentes e até adversos entre si, neste viver fechado e apartado, neste viver pequenino de terras pequenas — embora enormes ao coração de seus filhos —, se congregaram, formaram colmeia de luz na rumorosa e muito maior colmeia do labor, e puseram, em acção comum, a bem comum do povo, seu talento, saber e vontade!

Ora, como em tôdas as mais da sua espécie, as casas da província — já o notaram os romancistas, as boticas e os cafés — são de telhados de vidro, talvez, entre nós, os vidros espelhantes das claraboias... Certa distância gradua os passos, o ritmo dos cumprimentos, a freqüência às reüniões, a hora da missa, a escolha do banco, no jardim, para o ouvir da música, o estilo social enfim, modo e forma de conviver — mas todos se conhecem por dentro e por fora... todos se conhecem de perto e a distância, nas duas vidas que são a nossa vida. E não é de somenos importância o pormenor...

As escassas linhas dêste panorama, tôscamente apenas esboçadas, são ou pretendiam ser em ajuda para melhor se ver ou inferir das complicadas e muito sérias, as lentas, embaraçosas e aspérrimas dificuldades, que tem a enfrentar seguramente quem entra na

vida, como o Padre Gaspar Roriz com o seu sermão de 89, para nela vencer nome honrado e benquisto.

Os primeiros êxitos são porventura a sorte do momento feliz; se novas provas afirmam, estas demandam outras sucessivas confirmações, cada vez mais sólidas e brilhantes — os loiros colhidos breve descoram, murcham e caiem como as rosas. Há movimento, em primeiro impulso natural, de bom acato e agrado, mas logo se retrai, com a mesma espontaneidade, em meia-desconfiança — que é espera, em semi-aguardamento, que é a crítica reflexiva do exame. Na hierarquia dos valores sociais, que já estão arrumados em seus altos lugares com metódica disciplina na fruição do domínio, não há improvisações duradoiras. Se a celebridade vem de momento, quási sempre dura êsse momento: passa em rasto de luz e esconde-se em onda de pó. A inteligência vibra mais alto — desafina; tem de regular-se pelo tom da inteligência mediamente estabelecida: ser acorde na instrumentação geral. Pelo que, muitas vezes, de própria desce — ou sobe — a alheia ou comum. E já não há perigo de ter nome.

Meio antigo, velhas tradições, trabalho de compasso, método consuetudinário, ensinamento, monotonia, lugares marcados — tarefa bem ingrata a do principiante! Teme-se de si e dos outros, de ser menos ou de ser mais, acende e apaga, torna a acender e regula a luz da inteligência... sente estuar-lhe o coração em carinhos fraternos, na ânsia do mais justo, do mais belo, do melhor, e domina-o, receoso da impertinência alarmante... comove-se às pedras vèlhinhas, marcos históricos, pequenos sólidos alicerces de uma Pátria grande, e tem de esconder-se ou disfarçar... arrebata-se no sonho de um futuro mais feliz — a felicidade é feminina, inconseqüente, volúvel, nunca satisfeita —, e logo vem o entorpecimento, a embrulhar-se de sombra nas sombras da noite, que desce mole e silenciosa pela necrópole abafada, exausta.

Será talento — ou apenas vaidade? Será sentimento — ou apenas declamação? Será valor autêntico — ou máscara de fingir? Será; ou não será?

Assim os anos passam — e nossos anos voam — e com êles as vidas, que não chegaram, que se não deixaram, que não puderam ser vividas — quantas e quantas vezes!

A êsse tempo, aonde êle chegou à maré social, não faltavam oradores sacros de nome sonoroso e larga fama acreditada: e a gente da terra conhecia-os de os ouvir nas solenidades mais faustosas. — Nas Associações, de vida intensa, realizavam-se conferências brilhantes e úteis. No clero, havia um escol de figuras curiosas, ornamentais, novelescas, e estudiosos investigadores, cuja obra é digna da nossa atenção e, honrando-os, nos honra sobremodo. — Um letrado em Cânones, de famoso engenho, escrevia peças dramáticas.

— Tinhamos, nas gazetas semanárias, quem dissertasse a primor — ideias claras em clara prosa —, com erudição ou com ironia, com substância ou com rábula, neste jornalear provinciano feito das vocações espontâneas e do sectarismo político, bonómico mas astucioso, deferente e mordaz, ora muito de cortesias adjectivescas nos tempos mansos, como feramente assanhado, arremangando-se, muito má língua e soalheiro a quando das célebres eleições renhidas... tudo a fingir: — À moda do romantismo chegara tarde — andava-se na diligência, as mercadorias vinham e iam pela estafeta —, e assim perdurava ainda na mística amorosa — as serenatas gemiam ao luar de prata, em suspiros dolentes como trinar de beijos fugidios, e os poetas, a esas horas mortas, no alto das trapeiras ou à candeia dos nichos, perto ao balcão das suas Julietas, com a nevrose da inspiração, no gôso febril e delicioso de imaginários sofrimentos crueis, dedilhavam alira de trovadores namorados.

Oradores, jornalistas, dramaturgos, poetas — e orador, jornalista, dramaturgo e poeta foi o nosso Padre Gaspar Roriz, que, em tôdas e cada uma destas actividades espirituais, empregou e marcou brilhantemente a sua distinta e sã inteligência.

Mas — ¿como conseguiu êle vencer, e porque, tendo de vencer tantas e tamanhas dificuldades?

No burel e na figura de *Romeiro*, com que escrevia e assinava aquelas suas *Crónicas Vimaranenses*, que são uma selecta de inteligência viva, de sã literatura jornalística, de consumado amor, inextinguível e ardente, ao berço natal, dizia êle, uma vez, em o *Regenerador*, jornal vimaranense, de que foi ilustre director e proprietário: «Trabalhei como operário, trabalhei como estudante, tenho trabalhado muito na posição que ocupo, e da minha pobreza reparto com os que me são queridos, com os que constituem a minha família que amo extremosamente. A humildade, a pobreza do berço em que nasci, é um título de nobreza que chega a envaidecer-me. Saí do nada, e, no nada fiquei, não é vergonha nem ignomínia. Saí do nada, e, se pelo meu esfôrço pude subir meio ponto na escala social, já fiz alguma coisa, porque subi.»

Subiu, sim, subiu — pela inteligência e pelo trabalho, do trabalho humilde e honrado, ao sacerdócio venerando; subiu pelo caracter, saber e talento, a marcar individualmente, a impôr-se à consideração social; — e subiu, — da morte, a esta homenagem consagrante, justa comovente e confortadora — obra de saüdade e de gratidão.

De saüdade e de gratidão.

De estatura meã, entroncado, proporcionado, de rosto largo e aberto, sobrancelhas espessas, lábios fortes, vincas definidas, olhos rasgados em viveza e insinuância, máscara expressiva, muito, a voz curta mas pastosa e grave, o gesto comedido e pronto, a mobilidade fisionómica rápida e de fácil ajustamento ao lance, a dição clara — sempre espontânea como no improviso e sempre também amoldada e cromática de bom declamador, natural mas cuidado, lidimamente franco e francamente sugestivo, mas com certa especiosidade de hábil diplomata, Gaspar Roriz, com esta apresentação galharda e afável, simpático como homem, respeitado e simpático como padre no seu modesto lugar tam amado de Comissário da Ordem Terceira de S. Francisco, tinha uma das consagradas figuras do orador que logo predispõe e domina o auditório, como logo no convívio social se impunha e cativava. Sua vida é uma canseira trabalhosa, dura, pesada, muitas vezes absorvente; sua inteligência tem de obrigar-se a um sempre-àlerta de esfôrço, de atenção, de recolhimento e de memória; seu coração, tão extremoso e delicado, ao seu pequenino grande coração retalha-o uma dor profunda, que jàmais se extingue, punge-o uma saüdade enorme, sempre recrescente—e o Padre Gaspar Roriz, mal o aborda quem quer que seja — pois a todos recebe, escuta e atende —, tem uma bonomia acolhedora e carinhosa, irradia um magnétismo da mais pura bondade, do mais lavado desinterêsse, da mais firme e amiga dedicação, do melhor estímulo, prende com a sua graça brotante e fervilhante, irónica sem maldade, alegre sem desaire, e tam pitoresca e tam comunicativa! E tudo se faz, e tudo se arranja, sem quebra da linha inflexível do que se deve, ou embargo e atraso de seus múltiplos deveres profissionais — artigo de jornal ou peça de teatro, mensagem ou discurso, um poema ou uns versos para o carteiro, sarau de estudantes ou récita de caridade, loas e endeixas, epitalâmios e necrológios...—; tudo se faz e tudo se arranja — uma conferência a valer ou a desprendida e inocente brincadeira de umas reisadas —, como se requere e pede, para alèm da espectativa, de pronto e de jacto, com simplicidade e a-propósito, brilhantemente e inconfundìvelmente, sem hesitações nem emendas, mais integrado ainda no papel do que o próprio; e tudo se faz e tudo se arranja porque êle nasceu, viveu e morreu pelos outros, a bem querer, a bem servir, a bem fazer.

Entre os muitos predicados excelentes do Padre Gaspar Roriz, êsses para mim sobrelevam: a simplicidade, que não exclue o conceito, a naturalidade a conjugar-se com a eloqüência, o a-propósito como medida de regra e de bom gôsto, e a capacidade, o vibrar espontâneo e acorde de uma inteligência viva e engenhosa.

A nossa tribuna sagrada já não pode guardar surprêsas de movimento ou de génio. Basta o nome de Vieira a iluminá-la a uma luz imperecível. — Acode-me, flagrante de justeza, aquela sua desenganada exclamação: «O' morte cruel, que enganados vivem contigo os que dizem que és igual com todos!... Mas nesta mesma igualdade comete grandes desigualdades a morte. E' igual, porque não faz excepção das pessoas; é desigual porque não faz diferença de idades, nem de merecimentos. Matar a todos sem perdoar a ninguém, igualdade é; mas tirar a vida a uns tão tarde, e a outros tão cedo: deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que são ornato dêle, que desigualdade maior? Todos se queixam da pressa com que corre a vida: eu não me queixo senão da desigualdade com que caminha a morte.»

Como tôdas as outras manifestações da actividade espiritual, a eloqüência do púlpito sofrera inflexos e e reflexos — talvez, ainda assim, menos acentuados. Já, mais perto de nós, Oliveira Malhão, o notabilíssimo prègador, emociona e arrebata. Tem a melhor das eloqüências, raramente atingida, perdurante como exemplo modelar — evangeliza, com profundos conhecimentos, sóbria e sàbiamente repartidos, e encanta pela maviosidade harmoniosa, triste e ao mesmo tempo confortadora, do seu estro potente e magnífico. E, àquele tempo — do nosso tempo do Padre Gaspar Roriz —, no encalço de duas águias de alto vôo, formavam-se as duas escolas em semelhança das suas tendências: uma era a torrente impetnosa da oratória, que inflama, subjuga e esmaga, a dinâmica acrobática do verbo, o delírio da forma, cascata férvida e explendente, a luxúria da côr, o vendaval dos termos, a solta da tempestade dos sons; outra, o meditado sossêgo da concentração, o enlêvo do pensamento, em constante vigília e sentida vibratilidade, carinhosamente esculturaado em formas claras e perfeitas. Não sei se há escolas em eloquência; creio bem que não pode haver (embora superabundem) imitações: o naufrágio no anonimato, apagados os aplausos efémeros do auditório, é inevitável. Ora o Padre Roriz venceu, mercê precisamente das qualidades que lhe sublinhei. Teve, com a dignidade intelectual, a eloqüência da sinceridade, a formosa eloqüência do coração.

De um sermão das *Dôres*, prègado em 1928 na igreja de S. Francisco, recordo esta passagem: «E êsse olhar, que ora tem a luz suave dum sorriso, ora o esmalte cristalino duma lágrima, que umas vezes é sol de primavera a dardejar lampejos de alegria, outras vezes é noite tenebrosa a velar um sudário de tristezas, êsse olhar é o olhar da Mãi, que, rindo ou chorando, espelhando júbilos ou cristalizando dôres, tem sempre a cercá-lo um disco luminoso de resignação e de esperança.

...A Mãi! Parece que tudo o que há de grande na sentimentalidade humana — as glórias e os júbilos do presente, as aspirações e os anelos do porvir, as recordações e saüdades do passado — glórias que engrandecem, asprrações que estimulam, saüdades que deliciam num pungir dôce e suave; o amor e o heroísmo, a resignação e o sofrimento, a abnegação e a amargura, os sorrisos que brilham na limpidez duma lágrima e as lágrimas que esplendem na floração dum sorriso, parece que tudo isso se ajuntou, se consubstanciou e se comprimiu para formar esta pequena palavra — Mãi!»

Foi ainda a sinceridade, a eloquência do coração, que melhor o serviu no exercício do jornalismo. Onde havia uma dor forte e bruta, logo aparecia a sua voz, levada pela sua pena, a suavizá-la; onde a esperança de uma inteligência alvorecente, o seu estímulo a aplaudi-la e a concitá-la; onde a necessidade de certo melhoramento, o seu encorajar denodado; onde uma iniciativa, o seu rasgado auxílio; onde uma miséria contrastante, o seu desassombrado comentário. Esse coração era magnânimo, piedoso, sentimental — mas sua bondade era varonil e máscula. Os problemas sociais resolvia-os pela única solução possível — as moções elementares da mais alta e pura justiça. Não o amedrontavam os grandes, nem nunca procurava entronizar-se sôbre os pequenos. Homem do povo, era leal, corajoso, rasgado. Tinha uma ambição e confessava-a desejadamente — a do engrandecimento da sua terra. Todos o aproveitavam, deixando muitas vezes inaproveitadas as suas qualidades; todos o queriam, sem que trazê-lo quisessem onde os seus dotes o podiam levar. Não importava. Vivia Guimarãis num sonho. Êste, o segêdo da sua vitória na vida e da sua ressurreição da morte — êste o dever da nossa saüdade e da nossa gratidão.

Da nossa saüdade e da nossa gratidão!

A mais alta inteligência pode ser mesquinha, a mais vulgar inteligência pode esforçar-se aos feitos mais produtores ou arrojar-se às acções mais heróicas. Há as inteligências cegas, surdas e mudas, que de nada valem porque para nada prestam; as que vivem de intelectualizar-se avaramente, aferrolhadas, egoístas e soberbas — a inteligência pavão. A inteligência nome, como pedra fria de armas sôbre o portal dum solar abandonado, e a inteligência fama conspícua, sinal para trazer apenas no bilhete de identidade. Há a inteligência má, azêda, pipocondríaca, rabujenta, que só malsina e irrita, como há a simples inteligência do rústico que desarma o mais habilidoso e vence o mais arguto. A inteligência borboleta, que se fascina e queima na luz do sonho ou na luz do amor. Há a inteligência brava, inculta, espontânea, e a inteligência florida pelo cultivo, seivosa e ascendente.

No uso da inteligência é que está a própria inteligência. Talvez o mais sábio a dispenda e empregue sob normas eficientes—o bondoso, aquele que a tem verdadeiramente aliada ou dominada pelo sentimento—ah! com que sublime abnegação, com quanto enternecido carinho, com que arrôjo e fervor a não lança às maos cheias pela ingrata peregrinação da vida, parecendo-lhe sempre a menos para repartir, num longo rasto como do próprio sangue, ou como se, por entre as fragas da adversidade, a mesma alma deixasse em farrapos. Sua luz, embora humilde, alumia e guia qual estrêla do norte; seu calor, ainda recoberto, acalenta em surtos de esperança; sua fôrça, por mais obscura, vence o invencível. E' a inteligência do amor — e sendo a inteligência do amor é a única inteligência digna do homem.

Assim a glória. Todos conhecem a glória enfatuada e fátua—vanitas —, a imortalidade... de algumas horas, uma glória bafio na letra amarelida dos velhos almanaques, sombra de nome perdido, cinza e nada de uma obra desfeita. Mas há—e ainda bem! —a grata consagração da saudade, a comovida e piedosa homenagem da justiça, na memória dos homens, aos que se dignificaram pelo seu trabalho — e trabalharam a bem de todos —, aos que se levantaram pela sua inteligência—e a floresceram em proveito social—, aos que se nobilitaram pelo seu carácter — e dêle fizeram uma energia útil, aos que sempre se recordam e choram pela sua bondade — bondade cheia de graça.

Assim a inteligência, a glória do Padre Gaspar Roriz.

Curso de corte «LUC»

A secretária dos Srs. Professores Luc Ximenez abriu curso de corte nesta cidade, estando aberta a matrícula no — — — (136)

Largo 1.º de Maio, 53-Guimarãis.

Anuncial no NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

Casa Flores
Braga

A casa que, no seu próprio interêsse, V. Ex.ª deve preferir para efectuar as suas compras!

Sempre o maior sortido em: **Meias**, Tecidos de sêda, Lá e Algodão para vestidos e casacos, Malhas de tôdas as qualidades, Cintos em todos os modêlos, Tecidos e Rendas para roupa interior, Carteiras, Luvas, Cortinados, Lãs em fio, e uma infinidade de artigos difíceis de enumerar, e que devido ao sistema especial das suas compras, só esta casa pode vender por preços verdadeiramente excepcionais! (142)

ENVIAM-SE AMOSTRAS, mas pede-se para esclarecer bem os artigos que desejam.

Julgamento em Fafe

Realizou-se na quinta-feira passada, em Fafe, o julgamento de Manuel Gonçalves e Albano de Freitas, aquele solteiro, de 19 anos, êste casado, de 24 anos, ambos agricultores, da freguesia de Pedraído, daquele concelho, acusados de terem—o primeiro como executor e o segundo como autor moral, isto é, instigador — cometido o crime de homicídio frustado na pessoa do ilustre advogado Dr. Parcídio de Matos.

Para os dois reus era pedida a pena máxima:—para o Manuel, a de 6 anos de prisão maior celular, seguida de 10 de degrêdo, ou, em alternativa, a de degrêdo por 20 anos, por ser menor; para o Albano, a de prisão maior celular por 8 anos, seguida de degrêdo por 12, ou, em alternativa, a pena fixa de 25 anos.

O julgamento despertou extraordinário interêsse. A sala das audiências estava, por isso, completamente repleta de uma multidão que seguiu atentamente a discussão da causa e, sobretudo, os debates, em que tomaram parte, como acusador, o digno representante do M.º P.º e como defensor do réu Manuel o Dr. José Pinto Rodrigues. O reu Albano foi defendido oficiosamente pelo escrivão sr. Dourado.

Pela sentença o réu Manuel, em virtude de serem reconhecidas a seu favor algumas das especiais circunstâncias atenuantes postas em relêvo pela defesa, foi condenado em 4 anos de prisão maior celular, ou, em alternativa, 6 anos de prisão maior temporária, substituída pela de degrêdo, em possessão de primeira classe, por 6 anos e 8 meses; o réu Albano foi condenado em 6 anos de prisão maior celular, seguidos de 10 de degrêdo, ou, na alternativa, em pena fixa de 20 anos de degrêdo.

O sr. Dr. Delegado recorrerá da sentença, por dever de ofício, sendo êsse recurso acompanhado pelo advogado do réu Manuel.

Quer o acusador público, durante as suas brilhantes alegações orais, em que acusou cerradamente os reus, quer o íntegro presidente do júri, após a leitura da sentença, dirigiram os mais encomiásticos louvores ao sr. Dr. José Pinto Rodrigues, felicitando-o vivamente pela maneira elevada, proficiente, digna e eloqüente como conduziu a ingrata defesa do seu constituínte.

Mencionamos o facto por êle nos regosijar sobremaneira, dado que foi o primeiro julgamento em que tomou parte aquele nosso amigo após haver reassumido o exercício da advocacia entre nós.

REPRESENTANTES-REVENDEDORES:

Precisam-se para artigo de novidade sensacional e de fácil venda, indispensável a todos e de largo futuro. Bons lucros imediatos. Condições e ilustrações grátis. Escrever a Rodolphe, Case 4 871 — Genéve (SUISSE). (141)

DA CIDADE

Automobilismo — Passaram por esta cidade, na tarde da última quinta-feira, 7 dos carros que tomaram parte no *Rallye* ás Pedras Salgadas. O Contrôle foi feito no Quartel dos B. V. de Guimarãis, onde compareceram os dignos Comandantes srs. José Luís de Pina e António de Sousa Lima que aos automobilistas dispensaram as suas costumadas atenções.

No local juntaram-se muitos populares. O serviço de sinalagem foi feito pelos Bombeiros Voluntários.

Colégio do Sagrado Coração de Maria no Palacête de Vila Pouca — Acedendo a um amável convite da ilustre Directora do Colégio do S. Coração de Maria, instalado no Palacête de Vila Pouca, visitámos, há dias, a exposição dos trabalhos das alunas daquêle modelar estabelecimento de ensino, a qual teve lugar nos dias 18 a 20 e que ali atraíu muitas Senhoras que não se cansaram de admirar e de louvar o bom gôsto que se notava em todos os trabalhos expostos.

De facto merecem parabéns, porque a êles têm incontestável direito, professoras e alunas, pois os trabalhos expostos — trabalhos que vão desde o mais simples bordado à pintura a óleo mais difícil — revelam muita competência das educadoras e muita dedicação das educandas.

Alunas houve como por exemplo as srs. D. Maria Herminia Salgado Alves e D. Maria Deolinda da Costa Carvalho, sem desprimôr para as outras, que apresentaram, respectivamente 18 e 22 trabalhos, todos em pintura, pirogravura, bordado, etc., interessantíssimos e difíceis, o que prova bem a sua muita aplicação.

Os trabalhos em couro, as pinturas a oleo e muitos outros trabalhos que o espaço de que dispômos não nos permite inumerar, chamaram a nossa atenção pois eram, de facto, dignos de admirar-se.

Felicitando, pois, o ilustre Corpo docente do Colégio do S. Coração de Maria, agradecemos o amável convite que nos foi dirigido e, ainda, as gentilezas que nos fôram dispensadas por ocasião da nossa visita.

Reünião do Curso Médico de 1924-1925 — Na linda Estância da Penha reüniu no passado domingo, em festa de confraternização o Curso Médico da Universidade do Pôrto do ano de 1924 25 de que fazem parte os nossos amigos e distintos clínicos vimaranenses, srs. drs. Isaías Vieira de Castro e Alberto Rodrigues Milhão. Foi celebrada uma missa por alma dos componentes do curso, já falecidos e, em seguida, teve lugar no Hotel da Penha, o almôço de confraternização que decorreu num ambiente alegre da mais franca e leal camaradagem, tendo sido proferidos alguns brindes e feitas saudações.

Bombeiros Voluntários — No sábado passado fôram submetidos a exame, prestando provas de 2.ª classe, alguns bombeiros da nossa benemérita Corporação. O resultado foi o seguinte: ap.: — com a letra C, António Mendes Marques; com a letra B, Manuel Marques; com a letra D, Domingos Duarte e Araújo; com a letra A, António Joaquim Antunes; com a letra B, Gaspar Salgado; com a letra C, Ismael Braga; com a letra A, Domingos Machado Faria. Esta letra é a 1.ª classificação.

José Henriques P. Costa Pires — Por ter sido colocado no Ministério das Finanças, partiu para Lisbôa, acompanhado de sua espôsa, o nosso bom amigo sr. José Henriques Pereira da Costa Pires, que há bastante tempo vinha exercendo, com zêlo e competência, o lugar de proposto do tesoureiro da Fazenda Pública dêste concelho.

Agradecemos os cumprimentos de despedida que se dignou apresentar nos, ao mesmo tempo, fazemos os melhores votos pelas suas prosperidades.

Escutismo — O Grupo n.º 116 —«Nossa Senhora da Oliveira»—realiza hoje, domingo, o seu 1.º acampamento na Mata de Margaride, constando, ás 9 horas da manhã, de missa campal, com promessa de novos escutas, e à noite Fôgo de Conselho. Durante o dia haverá várias actividades escutistas.

Nova Parteira — Com a honrosa classificação de 13 valores completou o seu curso, na Escola Médica do Pôrto, a sr.ª D. Maria Celeste Macêdo, a quem felicitamos.

Vitória Sport Club — Em assembleia geral fôram eleitos os novos Corpos Gerentes do V. S. C., recaíndo a escolha nos seguintes cavalheiros:

Assembleia Geral — Presidente, dr José Pinto Rodrigues; 1.º secretário Armando de Sousa Andrade; 2.º secretário, José André.

Direcção — Presidente, Amadeu da Costa Carvalho; vice-presidente, António Faria Martins; 1.º secretário, Hernani Silva; 2.º secretário, Amadeu José de Carvalho; Tesoureiro, José Matos Guimarãis; Vogais: Aníbal Dias Pereira e Augusto Mendes; Vogais suplentes: José Ferreira da Silva e António Teixeira de Freitas.

Conselho Fiscal—Heitor Silva Campos, Luís Trepa Ramos e dr. Manuel Jesus de Sousa.

Exame — Na nossa querida Escola Industrial e Comercial, concluiu brilhantemente as provas do curso Comercial e passou com alta classificação para a 5.ª classe do curso Industrial, mademoiselle Georgina de Barros Silva, filha da sr.ª D. Beatriz da Silva Guimarãis e do sr. Alvaro Ferra, funcionário superior da agência do B. N. U., desta cidade.

Seria injusto não rendermos o preito de admiração a tão estudiosa aluna, não só por ter freqüentado simultâneamente as duas disciplinas, mas também por ser a primeira que, apenas com 17 anos, consegue pôr à prova as suas faculdades de inteligência para honra dêste importante estabelecimento de ensino e do seu distinto corpo docente.

As nossas felicitações.

Exame de 2.º grau — Fêz há dias exame de 2.º grau, ficando distinto, o menino João Evangelista de Almeida Ribeiro, filho do nosso saüdoso camarada e amigo sr. João Serafim da Silva Ribeiro.

Felicitamos aquêle menino e sua mãi, bem como o seu avô, o nosso bom amigo sr. João Evangelista das Neves Almeida.

Dr. António J. da Silva Bastos Júnior—Por motivo de doença entrou em 60 dias de licença o nosso bom amigo e distinto advogado notário desta Comarca, sr. dr. António José da Silva Bastos Júnior. Desejamos o pronto restabelecimento de sua excelência.

Julgamentos — Na quarta feira foi julgado, em Tribunal colectivo, nesta Comarca, José Lopes de Araújo, casado, sapateiro, também conhecido por «Benso», acusado do crime de homicídio voluntário na pessoa de Domingos Pereira da Costa, o «Pita Riça», crime praticado na noite de 3 de Fevereiro último no lugar da Cruz de Pedra, desta cidade.

A acusação esteve a cargo do digno Agente do Ministério Público e a defêsa a cargo do distinto advogado sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues que ali proferiu uma brilhante oração, procurando atenuar a pêna do seu constituinte.

A sentença foi lida à uma e meia horas da madrugada de quinta-feira. Provou-se o homicídio voluntário mas provou-se, também, que o reu foi provocado pelo assassinado e por mais três individuos, motivo porque foi apênas condenado em 20 mêses de prisão correccional, levando-se-lhe em conta a prisão já sofrida, 20 mêses de multa a 1$00 por dia, impôsto de justiça e acréscimos legais.

O Tribunal fixou em 10 000$00 a indmnização à família da vítima.

Durante tôda a audiência o lugar reservado ao público esteve completamente cheio e cá fora nos corredores e no largo fronteiro ao Tribunal estacionou uma multidão de pessoas.

— Na quinta-feira iniciou-se o julgamento de Pedro e João de Sousa Costa e José Alves, também conhecido por José Valente, acusados do crime de homicídio Voluntário na pessoa de José Ferreira Dias, da freguesia de S. Salvador de Briteiros, ocorrido na noite de 2 para 3 de Fevereiro do corrente ano, como então noticiamos.

O julgamento despertou grande interêsse, tendo ocorrido ao Tribunal algumas centenas de pessoas daquela e de outras freguesias, bem como desta cidade, muitas das quais

não puderam assistir ás audiências por não haver lugar na sala. A primeira audiência prolongou-se até ás 2 horas da madrugada de sexta-feira, tendo sido ouvidas as testemunhas de acusação e defêsa e feitas algumas acareações.

Na sexta-feira, ás 13 horas, reabriu a audiência para os debates.

Falou em primeiro lugar o sr. dr. Francisco Soares, digno Agente do M. P. e em seguida os srs. drs. Sá Tinoco, de Braga, acusador particular, e Fernando Aires e Francisco Pinto Rodrigues, defensores dos reus, que proferiram brilhantes orações.

Por volta das 18 horas foi lido o acordão absolvendo os reus João de Sousa Costa e José Alves e condenando o reu Pedro de Sousa Costa em 4 anos de prisão maior celular ou na alternativa de 6 anos de degredo, 1.000$00 de impôsto de justiça, 20.000$00 de indmnização à família da vítima e 500$00 de procuradoria.

—Após aquêle julgamento iniciou-se, também em Tribunal coletivo, o de João de Lemos Guimarãis, solteiro, de 28 anos, empregado comercial, do lugar do Miradouro, freguesia de Creixomil, acusado do crime de homicídio voluntário na pessoa de José da Cunha. Fôram ouvidas algumas testemunhas e, a requerimento do advogado de defêsa, sr. dr. Sá Tinoco, de Braga, o tribunal deslocou-se ao local do crime, tendo os srs. Juízes, Agente do M. P., advogado, bem como o sr. dr. Euripedes de Brito, escrivão do processo e duas testemunhas, inspeccionando o sítio do crime e fazendo a sua reconstituição. Esta diligência chamou ao local muitos curiosos que seguiram atentamente as diversas fazes do serviço forense.

A audiência foi suspensa à 1 hora da madrugada de ontem, para prosseguir no próximo dia 30 ás 13 horas.

Durante êstes julgamentos estacionou junto ao Tribunal e nos corredores do edifício uma grande multidão de pessoas que não conseguiram lugar na sala.

*

No próximo dia 30 é julgado, no Tribunal desta Comarca, Alvaro Gonçalves, desta cidade, acusado de ter morto, propositadamente, uma gata, no dia 31 de Maio findo, pelas 20 horas e 30 minutos, no lugar de Covas, freguesia de Urgezes, desta comarca.

NOTICIAS PESSOAIS

Encontra-se no Caramulo, em descanso a ex.ma sr.ª D. Maria dos Anjos Freitas Carneiro, dedicada espôsa do nosso prezado amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

—Partiu para Lisbôa, com demora de alguns dias, o nosso prezado amigo sr. José Jacinto Júnior.

—Regressou com sua ex.ma espôsa à sua Casa de Fermil de Basto, o nosso bom amigo sr. Capitão José Guedes Gomes.

—Completou no próximo dia 28 uma risonha primavera, a menina Quitéria Ana, filhinha do nosso bom amigo sr. Joaquim António da Cunha Machado e de sua ex.ma espôsa a sr.ª D. Tereza de Jesus Vieira Machado.

Parabéns.

—Já se encontra em gôso de férias o académico João Afonso Brandão de Almeida, filho do nosso amigo e distinto médico vimaranense, Dr. João de Almeida, que na Universidade de Coimbra completou com distinção o 3.º ano médico, pelo que o felicitamos, bem como a seus estremosos pais.

AGRADECIMENTO

Sendo inteiramente impossível despedir-me de todos quantos no decorrer da minha estadia em Guimarãis me dispensaram a sua amizade comulando-me de atenções que jàmais esquecerei.

Venho por êste meio afirmar publicamente a minha maior gratidão e reconhecimento. Desejo a todos pois do íntimo do coração as maiores felicidades.

Guimarãis, 20 de Julho de 1936.

José Henrique Pereira da Costa Pires.

(147)

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranense)

Conventos, capelas, igrejas e Casas de beneficência.

De Santa Clara

Abadessas — A primeira foi a madre soror Elena da Cruz até à sua morte em 4 de Agosto de 1590 e a segunda foi a sua irmã, soror Francisca da Conceição, até ao ano de 1597, em que morreu.

Ambas eram filhas do fundador e foram abadessas perpétuas. Porém antes daquela primeira já tinha havido a madre soror Luisa Maria da Conceição, abadessa provisória, no principio da regência do convento, como já dissemos.

Devidamente regularisado o funcionamento desta clausura, procedeu-se à primeira eleição de tal cargo que principiou a ser desempenhado trienalmente.

Portanto a 3.ª abadessa veio a ser a madre-soror «Maria da Conceição», que faleceu neste convento em 1607; a 4.ª soror «Catarina de S. Bento» que pelas suas muitas virtudes, ilustração e exemplar conduta, ter sido nomeada para proceder à reforma do convento de Santa Clara, de Vila Real, fundado em 1602, pelo cónego da colegiada de Guimarãis, e abade da freguesia de S. Miguel de Serzedo, do seu concelho, o rev. João Rodrigues; a 5.ª foi soror «Ana da Silva», filha de uma preta e que faleceu em 1611; a 6.ª a soror «Angela do Céu», falecida em 1642; a 7.ª soror «Angela da Paixão», eleita em 10 de Setembro de 1645, sendo ela quem instituíu a Irmandade das Almas, no mesmo ano; a 8.ª soror «Joana Baptista», eleita em 10 de Setembro de 1650; a 9.ª «Catarina de Cristo», eleita, na mesma data, do ano de 1653; a 10.ª «Margarida das Chagas», na mesma, em 1656; a 11.ª Izabel da Ascenção» em 21 do mesmo mez, em 1659; a 12.ª «Anastácia do Presépio» em 24 do mesmo em 1662; a 13.ª «Joana da Prisão», em 22 de 1665 e que faleceu em 1667; a 14.ª «Luiza da Trindade», em 6 de Agosto de 1667; a 15.ª «Clara da Conceição», em 17 do mesmo ano de 1670; a 16.ª «Beatriz da Glória», em 29 do mesmo de 1673; a 17.ª «Luíza da Trindade», em 23 de Setembro de 1676, (eleita 2.ª vez); a 18.ª «Joana Baptista», em 2 de Agosto de 1679 (eleita 2.ª vez); a 19.ª «Francisca da Glória», (1) em 22 de Setembro de 1682; a 20.ª «Ana de Nazaré», em Setembro de 1685, ano em que faleceu a soror Beatriz da Glória; a 21.ª «Jerónima dos Serafins», no mesmo mês, de 1688; a 22.ª «Joana Baptista», em 11 de Julho de 1689, eleita a 3.ª vez por 33 votos; a 23.ª «Catarina de S. Tiago», em 3 do mesmo mês de 1692, por 23 votos; a 24.ª «Margarida de S. Bernardino», em 6 do mesmo de 1695; a 25.ª «Francisca das Chagas», em 7 do mesno ano de 1693; a 26.ª «Maria do Destêrro», em 8 do mesmo, do ano de 1701, por 56 votos; a 27.ª, «Margarida de S. Bernardino», em 14 de Março de 1704, eleita 2.ª vez por 38 votos; a 28.ª, «Justa do Sacramento» em 12 do mesmo mês de 1707, por 37 votos; a 29.ª, «Francisca das Chagas» em 13 do mesmo de 1710, por 25 votos; a 30.ª, «Maria do Destêrro» em 18 do mesmo de 1713, a 3.ª vez eleita por 31 votos; a 31.ª, «Isabel da Montanha», em 14 do mesmo de 1717, por 29 votos; a 32.ª, «Maria da Esperança», em 16 de Setembre de 1720 por 40 votos; a 33.ª, «Catarina dos Espinhos», em 14 do mesmo, por 35 votos; a 34.ª, «Francisca de Santa Clara», em 17 do mesmo de 1726 por 37 votos; a 35.ª, «Inez Maria de Santa Rosa», em 18 de Agôsto de 1728 até 1733, por 26 votos, sendo ela quem mandou fazer o purificatório da sacristia; a 36.ª «Catarina da Trindade», em 12 do mesmo mês de 1734, eleita por 31 votos; a 37.ª «Josefa de Jesus Maria», em 25 do mesmo de 1736, eleita por 41 votos; a 38.ª «Maria de Nazaré», em 21 do mesmo de 1739, por 31 votos, sendo ela quem mandou fazer a imagem do Senhor Crucificado; a 39.ª a mesma, em 21 de Julho de 1742, sendo esta a terceira vez eleita por 34 votos; a 40.ª a mesma reeleita em 16 de Julho de 1745 por 27 votos; a 41.ª «Gertrudes Teresa de Santo António», em 16 de Agôsto de 1748, por 35 votos; a 42.ª «Maria Josefa de Jesus», em 23 de Dezembro pe 1751, por 30 votos; a 43.ª «Jerónima Micaela da Conceição», em 28 de Outubro de 1753, por 32 votos; a 44.ª «Maria Jacinta da Esperança», em igual dia e mês de 1756 por 53 votos; a 45.ª «Maria Violante do Céu», em 20 de Agôsto de 1759 por 37 votos; a 46.ª «Brites Micaela Antónia da Vitória», em 3 do mesmo mês de 1762 por 35 votos; a 47.ª «Antónia Maria da Vitória», em 7 do mesmo de 1765 por 33 votos; a 48.ª «Jerónima Quitéria de S. José», em 15 do mesmo de 1768, por 37 votos; a 49.ª «Paula Maria do Nascimento», em 19 do mesmo de 1771, por 37 votos; a 50.ª «Jerónima Quitéria de S. José», em 7 do mesmo de 1774, eleita 2.ª vez por 36 votos; a 51.ª a mesma em 22 do mesmo de 1777, eleita a 3.ª vez por unanimidade de votos; a 52.ª «Maria Catarina da Assunção», em 9 de Setembro de 1780, por 47 votos; a 53.ª «Maria Liberata Evangelista», em 4 do mesmo mês de 1783, por 37 votos; a 54.ª «Vicência Maurícia Sant'Ana», em 18 do mesmo de 1786 por 34 votos; a 55.ª «Maria Catarina da Assunção», em 25 do mesmo de 1789, eleita 2.ª vez por 33 votos; a 56.ª «Antónia Teresa do Espirito Santo», em 1 do mesmo de 1792, por 18 votos; a 57.ª «Josefa Clara de Santa Ana», em 1 do mesmo de 1795, por 18 votos; a 58.ª «Ana Teresa», em igual dia e mês do ano de 1798, por 18 votos; a 59.ª «Maria Bárbara», em (idem) de 1801, por 13 votos;

(Continua).

P.e Alberto Gonçalves.

(1) O P.e Torcato Peixoto de Azevedo diz no seu livro que era abadessa deste convento D. Brites da Glória, filha de Gonçalo Mendes de Barros e de Brites Coelho e que faleceu em 1685. Será a mesma no texto referido e por nós encontrada no manuscrito do convento que compulsamos e se acha arquivado na Biblioteca Nacional (Pública) e que mudasse o nome de Brites pelo de Francisca, no acto da profissão? ou será engano dêle ou outro?

Festival Minhoto

Realiza-se no próximo domingo por ocasião das Feiras Francas de S. Gualter, às 15 horas, no Campo do Proposto, um festival com o seguinte programa e por iniciativa da C. A. da Câmara:

1.º — *Tamborileiros da Serra.*

2.º — *Certamem de Festadas* — Dous prémios conferidos às festadas mais bem organizadas nas dansas, na instrumentação, no trajo e nos bonecos.

Dansas em conjunto — a) Margaridinha; b) Vareirinha; c) Regadinho.

3.º — *Concurso de cantigas ao desafio* — Dous prémios conferidos às cantadeiras que melhor se batam nos cantares ao desafio.

4.º — *Concurso de quadras* — Dous prémios aos cantadores "repentistas„ que improvisem as mais lindas quadras sôbre flores do campo e hervas cheirosas.

5.º — *Concurso de lenços bordados* — Dous prémios conferidos às costureiras de aldeia que melhores lenços bordodos apresentem. Os mesmos lenços serão leiloados.

6.º — *Concurso de jôgo de pau* — Dous prémios conferidos aos grupos de jogadores que melhor técnica demonstrem na "arte„ de bem jogar o pau.

A B C do Jôgo — Cruz singela, cruz dobrada, cruz batida, contra jôgo, jôgo aberto.

Uma demonstração em conjunto.

7.º — *Concurso de jugos enfeitados* — Dous prémios conferidos aos jugos mais bem armados de enfeites e flores, à moda rural. Os jugos são conduzidos por juntas de bois, vacas ou touros.

8.º — *Exibições de "tipos„ e "guardios„ rurais* — Alguns grupos: a) Espadeladeiras; b) Ceifeiras; c) Moleiras; d) Leiteiras; e) Gente do mercado, etc.

Este Certamen de apologia à vida e à lida do campo, tem a colaboração de gentis Damas, empenhadas numa obra de assistência social.

9.º — A Escola Industrial e Comercial de Guimarãis abre ao público a sua Exposição de Trabalhos Femininos.

AGRADECIMENTO

O "Grupo Dramático Vimaranense P.e Gaspar Roriz„ vem, muito penhorado, patentear a tôdas as colectividades Vimaranenses que tomaram parte com os seus estandartes na homenagem póstuma ao seu patrono, saüdoso P.e Gaspar da Costa Roriz, o seu mais profundo reconhecimento, sendo certo que, cumprindo um dever de gratidão, concorreram, também, para o maior brilhantismo dessa homenagem.

Guimarãis, 19 de Julho de 1936.

(148) *A Direcção.*

Pela Câmara

A C. A. em sua sessão de 23 resolveu: conceder o subsídio de 1.250$00 à Junta de freguesia de Donim, para obras necessárias na Fonte da Bouça, da Igreja e na Fonte do Cachão, do lugar de Freixeiro, encarregando a mesma Junta da execução das referidas obras; autorisar o pagamento de 3.000$00 de subsídio mensal à Casa dos Pobres: fazer-se representar na cerimónia da inauguração e benção solene da capela de S. Cristóvão a realizar na Penha pelas 10,30 horas do dia 25.

— Resolveu mais dar a sua concordância à proposta que lhe foi feita pela Câmara Municipal de Fafe para as Câmaras se associarem no provimento do cargo de Inspector Municipal de Sanidade Pecuária, de modo que o referido cargo seja exercido pelo mesmo funcionário.

— Foram postos em hasta pública 70 metros quadrados de terreno à entrada da Avenida Cândido Reis, não tendo havido licitantes pelo que a Câmara resolveu pôr em arrematação pública uma superfície de terreno maior e noutras condições, de modo a permitir a construção naquele local de um edifício de proporções mais adequadas àquela artéria.

Peregrinação à Penha

Foi enviada aos Párocos do concelho a seguinte circular:

«Rev.mo Senhor — Sob a alta e ilustre presidência de S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, vamos êste ano realizar, com extraordinária piedade e imponência, no dia 13 de Setembro, a *Peregrinação a Nossa Senhora da Penha.*

Em hora aflitiva e tremenda, ao vermos sèriamente ameaçados o destino e a tranqüilidade das nações, vamos desta vez subir a nossa montanha santa, na mais devota e concorrida romagem dos últimos tempos, no intuito de implorar da Santíssima Virgem, nossa Augusta Padroeira e Rainha Universal da Paz, o restabelecimento da boa união entre os povos e as diferentes classes sociais. E' êste o pensamento cristão que nos anima e a todos deve acompanhar.

A fim de melhor se disporem as almas para tão grandioso acto de fé e penitência, realizar-se-á nos três dias anteriores uma série de prègações na igreja da Misericórdia, de onde saïrá, às 21,30 horas do sábado, para o templo dos Santos Passos, uma solene Procissão de velas, com a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

A grande Peregrinação organizar-se-á no Campo da Feira às 8,30 horas do dia 13, para se pôr em marcha, após a bênção do Ex.mo e Rev.mo Senhor Arcebispo Primaz, às 9 horas precisas, seguindo, como de costume, a antiga estrada da Penha. Recomenda-se a máxima pontualidade. Os combóios extraordinários chegarão antes daquela hora.

Apelo para V. Rev.ma, com o mais vivo empenho, para que ninguém falte, do concelho de Guimarãis e terras circunvizinhas, à esplendorosa Peregrinação dêste ano. Em honra da nossa Excelsa Raínha, pela Paz do mundo e da Pátria querida, vamos todos, ainda com o maior sacrifício, animados da mais sólida esperança e do mais acrisolado fervor!

Guimarãis, 22 de Julho 1936. — Pela Comissão Organizadora, — (a) *Mons. João António Ribeiro.*»

Agradecimento

A Direcção da Caixa Escolar da Escola Industrial e Comercial de "Francisco de Holanda„ vem, por êste meio, agradecer muito penhorada ao Ex.mo Sr. Filinto Nina Dig.mo regente do Orfeão de Guimarãis, bem como aos Srs. Américo Ferreira, António Guise, João Rodrigues, Manuel Forte, Domingos Fernandes, e o menino Alfredo Capela, a valiosa colaboração que prestaram no Sarau de Gala que esta Direcção levou a efeito em benefício da sua Caixa, no dia 16 do corrente.

Confessa se igualmente agradecida, a tôdas as pessoas que com o seu auxílio contribuíram para a humanitária obra de bem fazer aos alunos pobres dêste estabelecimento de ensino.

Guimarãis, 20 de Julho de 1936.

(149) *A Direcção.*

A BRASILEIRA

Casa especial de café do Brasil e Pastelaria

61, Rua de Sá da Bandeira, 91

Telefones 379 e 405

PORTO

Vende-o em Guimarãis:

Francisco Joaquim de Freitas & Genro

Praça D. Afonso Henriques, 70

(105)

Francisco Pinto Rodrigues

Advogado

R. Gravador Molarinho — Guimarãis

TELEFONE 172

FALECIMENTOS

Na Casa do Beringel faleceu, em avançada idade, a ex.ma sr.ª D. Raquel Ricardina Berrance Vieira, mãi do sr. José da Costa Vaz Vieira, sócio da importante casa bancária, Sousa Júnior, Sucrs, desta cidade.

O seu funeral realiza-se na igreja da Misericórdia, na segunda-feira, às 11 horas.

Pêzames à família dorida.

*

No Hospital da Misericórdia desta cidade faleceu ontem o sr. Herculano Plácido Pereira, viúvo, de 36 anos de idade, tipógrafo das Oficinas de «O Comércio do Porto» e natural desta cidade, irmão dos srs.: Manuel Plácido Pereira, Joaquim Feliciano Plácido Pereira, Manoel José Plácido Pereira e da Sr.ª D. Francisca da Glória Pereira. O seu funeral realiza-se hoje, para o Cemitério Municipal. Pezame à família dorida.

Notícias de Guimarãis

Por um lapso tipográfico saíu em dois números, erradamente, o aviso aos nossos estimados assinantes, sôbre a cobrança da cidade, pelo que devemos ilucidá-los que a série de 12 números em pagamento, terminou com o n.º 232 e pedimos desculpa daquêle lapso.

Devido a um imprevisto desarranjo na tipografia onde é impresso o «Notícias de Guimarãis» e já quando êste ia para a máquina, sai o presente número com algum atrazo, do que pedimos muita desculpa aos nossos leitores.

Café Oriental

Por escritura lavrada em notário, a firma dêste Café sofreu alteração, tendo o sócio sr. João Pinto de Figueiredo cedido a sua cota ao sr. Lúcio António de Carvalho, filho do já proprietário daquêle estabelecimento, sr. Manuel José de Carvalho.

Misericórdia de Guimarãis

Movimento hospitalar no mês de Junho de 1936

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 584.
Receitas abonadas a doentes externos, 436.
Parturientes recolhidas, 8.
Crianças nascidas, 8, sendo 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Maio 85.
Doentes entrados durante o mês, 111.
Doentes saídos:
Curados, 82.
Melhorados, 40.
No mesmo estado, 6.
Falecidos, 5.
Ficaram existindo no último dia do mês de Junho, 63.
Banhos dados no balneário, 202.
Doenças de olhos — Curativos 806.
Operações de grande e pequena cirurgia, 45.
Curativos feitos no Banco, 1.647.
Injecções aplicadas, 1.475.
Aplicações eléctricas, 662.

Hospital António Francisco Guimarãis-Vizela

Consultas no Banco, 5.
Doentes existentes no último dia do mês de Maio, 13.
Doentes entrados durante o mês, 5.
Doentes saídos:
Curados, 5.
Melhorados, 1
Ficaram existindo no último dia do mês de Junho, 12.
Operações de pequena cirurgia, 6.
Curativos feitos no Banco, 79.
Injecções aplicadas, 42.

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

SAUDAÇÃO

No termo da época de 1935-36, entendemos ser de inteira justiça a homenagem que ora se tributa ao "Vitória Sport Club", não só pelo que representa de merecida mas também pela maneira brilhante como soube elevar o nome da Terra, impondo-se como um dos seus reais valores e marcando um lugar de destaque no meio desportivo nacional.

Saudações efusivas lhe dirigimos, nelas incluíndo todos aquêles que à Causa do Desporto vêm dando o melhor do seu esfôrço e da sua inteligência.

Urrah pelo "Vitória Sport Club"!

FUTEBOL

A época 1934-1935

A' amável benevolência com que o meio desportivo vimaranense, acolheu o meu estudo sôbre a acção, valor e técnica do *Vitória Sport Club*, publicado neste jornal no número do Natal de 1935, encorajou-me de sobremaneira para trazer a público novo empreendimento, que analize toda a época desportiva 1935-36.

Na página que êste semanário dedica hoje ao *Vitória S. C.*, não fere o conjunto da dedicação, êste estudo, pelo seu sentido crítico e analítico da sua vida futebolística nesta época. O melhor reconhecimento do seu valor, é a demonstração global da actividade intensa, neste periodo, deveras trabalhosa e emocionante, que duas disputas seguidas — campeonato distrital e da 2.ª Liga—alimentou vastamente o interêsse dos seus «suporters».

Trazer ao conhecimento de todos o rico «palmarés» de toda a época, é o ariete que derruba o obscurantismo dos desiludidos e daqueles que, não alcançaram o fim que sonharam, e a verificação da falta de valor e a falência da classe admirada. Aos olhos dêsses, é que a míngua de conhecimentos compromete o equilíbrio da apreciação inteligente, obrigando-os a exaltar defeitos sem levar em conta as acções exemplares, só porque o favorito não pôde alcançar o que imaginaram abstractamente, no intuito mesquinho duma satisfação pessoal, em que o desejo de saldar umas contas suas em atrazo, fôsse razão de afecto pelo grupo em luta. E a multidão que tantas vezes emoldura os rectângulos de jôgo em desafios importantes, é levada na sua maior parte por êsse espírito. Senão é ver a forma como encara vencidos e vencedores dessas pugnas decisivas.

— Os que defendem o triunfador exalçam a incomensuráveis alturas o valor, o poderio e a sua classe, numa exuberância de atitudes que ultrapassam a fronteira da conveniência, e o respeito que deve merecer a qualidade do vencido. Nos arraiais dos vencidos, nem sempre a amargura do desaire é calada e muda como as grandes dores. A honestidade dos jogadores, o valor do grupo e a sua classe, tantas vezes comprovada, são dados que se jogam com incrível e espantosa liberalidade, no meio das mais dislatadas apreciações: — Os sócios do Club derrotado pedem a demissão, viram-lhe as costas, rasgando em gestos acanalhados os seus cartões de identificação e o Club, passa momentos em que a sua estabilidade periga e a sua vida corre depois transes bem difíceis.

Na barafunda dêstes antagonismos, aonde o exagêro medra como planta daninha, a crítica simbolisa o fiel da balança, apreciando com justeza os factos denotados, sem caír em extremos malévolos e incongruentes.

* * *

Ao entrarmos na apreciação da actividade do V. S. C. na

AMADEU DA COSTA CARVALHO, Presidente da Direcção do V. S. C.

época pretérita 1935-36, foi-nos necessário compulsar desafio a desafio, para assim conseguirmos apresentar um trabalho sincero que elucide bem e apresente o valor da sua acção, sem dúvidas nem compreensões do leitor curioso e amigo. Expor com números, analizar escudado na firmeza dos algarismos, a percepção ganha relêvo e a eqüidade grandeza, e a dúvida desaparece para, em seu lugar, a verdade reinar livre e definitivamente.

Não nos avassalou o brio de apresentar um trabalho que, porventura, represente erudição balofa, mas só, um estudo fàcilmente comprovável, por todos aquêles que acompanham com cuidado e de perto a existência do V. S. C.

Foi a época finda deveras trabalhosa. Dois campeonatos seguidos, um bom número de desafios particulares, puzeram à prova o valor e a classe do grupo vimaranense. Das competições oficiciais saíu airosamente colocado. Não alcançou é certo os pontos culminantes tão ansiados, nem se deixou ficar esfalfado na meia encosta íngreme da disputa. Foi um adversário difícil nas suas lutas. A sua acção desenvolvida no campeonato distrital, já analizamos condignamente no número do Natal dêste semanário, e, não vale pois, repetir os mesmos dizeres já conhecidos. Da competição da 2.ª Liga adiante lhe dedicamos um capítulo especial. Vejamos antes toda a época 35-36, na grandiosidade dos números, aonde se chega a demonstrações curiosas e concludentes.

O primeiro jogo da época foi com o Leixões S. C. em 1 de Setembro, e o grupo vimaranense foi vencido por 3 a 2 bolas. Não podemos afirmar que teve auspiciosos princípios, mas findou o período com uma série de triunfos retumbantes. Entrou cordeiro, mas saíu altivo e imponente como o rei dos animais; contrariou o adágio popular, mas fixou indelevelmente a sua classe.

Realizou o *Vitória* no período, entre 1 de Setembro do ano findo até 12 de Julho do ano corrente, os seguintes encontros cujos resultados o gráfico menciona com nítida clareza:

	Jogos	V	E	D	Goals F	C
1.as categorias	41	30	3	8	189	64
Reservas . .	15	14	1		88	11
2.as categorias	1	1			8	2
Total . .	57	45	4	8	284	77

E' imponente e rico o «palmarés» da época. Alcançar em *57* jogos *284* bolas a favor contra *77* sofridas, uma média de 4,98, contra 1,35 por desafio, é verdadeiramente natural, e elucida bem qual o valor que possue. No mesmo número de jogos conseguiu: *45* triunfos, *8* derrotas e *4* empates, de que o gráfico a seguir mostra a sua desporporção acentuada:

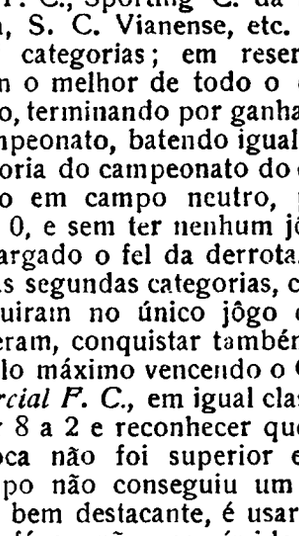
Empates:
Derrotas:
Vitórias:

Parece que mais uma palavra além da que atraz fica demonstrado, era vã, e alteraria a verdade incontroversa dos números, aonde nos acolhemos, convictos de assim mais virtude possuír a análise do seu valor, e a vitalidade do *Vitória S. C.* melhor apreciada e compreendida.

Não será fácil, leitor amigo, jogar em 10 meses e meio, 13 desafios de campeonato distrital, 6 da 2.ª Liga, 38 particulares, com *èquipes* de categoria e entre elas convém destacar: Sporting de Braga, Leixões S. C., Varzim S. C., S. C. e Salgueiros, A. D. Ovarense, U. D. Oliveirense, S. C. Vila Real, A. D. Sanjoanense, Leça F. C., Sporting C. da Póvoa, S. C. Vianense, etc. em 1.as categorias; em reservas com o melhor de todo o distrito, terminando por ganhar o campeonato, batendo igual categoria do campeonato do distrito em campo neutro, por 7 a 0, e sem ter nenhum jôgo amargado o fel da derrota.

As segundas categorias, conseguiram no único jôgo que tiveram, conquistar também o título máximo vencendo o *Comercial F. C.*, em igual classe, por 8 a 2 e reconhecer que, a época não foi superior e o grupo não conseguiu um lugar bem destacante, é usar de sua fé ou não possuír idoneidade para sustentar intacta, essa afirmação depreciativa. Estamos certos que, ninguém ousará depois de elucidado com êste trabalho, duvidar do valor do grupo citadino, ou fazer apreciações menos justas à sua classe.

O *Vitória* faz foot ball. Das lições competentes de Alberto Augusto, o grupo tem aumentado em saber. As dificuldades dum treinador são tantas e tão grandes, que sòmente o



DR. JOSÉ PINTO RODRIGUES, Presidente da Assembleia Geral do Vitória Sport Club.

tempo e a persistência consseguem que um *team* dê mostrao claras da influência dos seus ensinamentos. Alberto Augusto pode sentir-se orgulhoso. Mais que ninguém êle deve sentir-se satisfeito. O *Vitória* joga mas deve-o a si. O público sempre ansioso por resultados bons, esquece as canseiras, os trabalhos, as arrelias que uma *èquipe* fornece, até ao ponto de ao mesmo público agradar e, — nem isso se consegue muitas vezes. Há jogadores atenciosos, fáceis de corrigir os seus êrros e defeitos, que ao treinador se amoldam, sempre dispostos a aprenderem e a estudar; outros, cientes que tudo sabem, recebem incrédulos as lições com um sorriso alvar de importância, como se tôda a ciência do foot-ball — que é vasta — já não tivesse mais segredos para si.

Nesta matéria, dura e consistente, o escôpro nega-se a entrar e fazer dela, obra que agrade e se aplauda e o treinador nem sempre é feliz em levar de vencida tão ruim matéria... Daí as dificuldades, êrros de acção, faltas de conjunto, de colocação, de desmarque, de demoras perniciosas, que a crítica aponta sem menospresar alguém, no louvável intento de chamar a atenção do próprio jogador para os defeitos que deve combater pelo treino cuidadoso, e pelos conhecimentos e aplicação ao estudo e às lições do treinador.

Resta conhecer antes de entrarmos na análise do *Vitória* no campionato da 2.ª Liga, e por ser bastante curiosa, a lista dos maiores chutadores da época. O primeiro lugar é ocupado por Clemente, seguido de J. Jesus, e termina em 7.º lugar por Virgílio, assim:

1.º, Clemente com 71 goals; 2.º, J. Jesus com 34; 3.º, Pantaleão com 26; 4.º, Bravo com 15; 5.º, Vitorino com 12; 6.º, Rodrigues com 11; 7.º, Virgílio com 10.

Conclue-se que a asa esquerda possue menos poder de marcar que a sua congénere da direita, mas a primeira é de longe superior à segunda na forma de jogar, na homogeneidade de esforços e em primores de técnica. Individualmente mesmo é superior.

Bravo e Virgílio — asa esquerda, é melhor que a asa direita — J. Jesus e Rodrigues.

* * *

Na disputa da competição da 2.ª Liga, a acção do *Vitória* foi brilhante, não alcançando o título máximo da sua zona por manifesta infelicidade ou, mais justamente, produto das responsabilidades duma final onde o raciocínio claro não acompanha em rapidez as eventualidades velozes dum encontro decisivo. Os nervos excitados mal deixam tempo para admitir hipóteses de tácticas diversas. Se analizarmos bem, o espírito do jogador na decorrência dêste moderno campionato, os componentes dos *teams* ainda não sabem alcançar tôda a responsabilidade que de si depende. No sistema de «goal average», o triúnfo tanto nasce do último desafio como do resultado do primeiro; um esfôrço mais, uma bola que se enfia nas redes do adversário, é o triúnfo final. Se nos jogos com adversários fracos, como o *Atlético de Coimbra* ou o *Oliveirense*, mais um pouco de energia se desenvolvesse, o triúnfo seria alcançado sem a ansiedade fremente, nem a preocupação inquietante do jôgo final, em que os nervos excitados são já antes do encontro, factor importante da derrota. Eis portanto a dedução racional dêstes argumentos. Os jogadores não devem deixar de elevar os resultados dos desafios ao máximo possível, mesmo que reconheçam que o adversário lhe é inferior. Lutar sempre com a mesma disposição, tanto em frente duma *èquipe* fraca, como em frente de turma de valor.

ANTÓNIO FARIA MARTINS, Vice-Presidente da Direcção do V. S. C.

A vitória final não é resultante dos jogos ganhos, mas sim do número de bolas alcançadas.

Fêz o *Vitória S. C.* no campionato da 2.ª Liga, 6 jogos, ganhou 5 e perdeu 1. As suas redes foram tocadas por 7 bolas e conseguiu marcar 20.

A acção da *èquipe* foi boa em tôda a competição, merecedora na crítica do país das mais justas apreciações ao sistema do jôgo e à sua classe. A mais constante e proveitosa actividade foi fornecida pelo sector esquerdo da *èquipe*, composta de Bravo, Virgílio, Lima, e Jaime. O sector direito teve alternativas bem notórias. Viveu sempre das boas ou más tardes de J. Jesus.

A espinha dorsal do grupo — Clemente, Zeferino e Ricoca — teve em Zeferino e Ricoca dois elementos de grande valor, verdadeiros baluartes invencíveis. Foram sempre os mesmos homens; batalhador o primeiro e seguro o segundo. Clemente fraquejou na segunda volta onde sofreu um abaixamento de forma relativamente improdutivo.

* * *

Do que atraz fica dito, estamos certos que melhor serviço não podíamos prestar ao Club da terra, cujos laços profundos de amizade nos ligam há muito, trazendo a público o resultado da sua actividade na época finda.

Dela, recordações ficam a valorizar a sua acção, conjuntamente com algumas desilusões. Que, o que se não atingiu, sirva de impulso e incitamento para o próximo período. As boas lembranças dos seus triúnfos, sirvam de apoio para trabalhar cuidadosamente na preparação dos homens que devem defender as suas côres. Estes devem, sobretudo pelo seu porte, pela sua vida exemplar, impôr-se ao respeito de todos, tentar desfazer a má impressão que na sociedade os jogadores de *foot-ball* estão a criar, por má noção e desregramento de vida de uma mínima parcela dêles, mas o suficiente para o povo julgar tudo pela mesma craveira. O viver da bola é uma ilusão fantástica como todos os sonhos lindos. A plena forma das suas aptidões dura um tempo limitado, que no meio do nosso país o jogador sem preparação termina numa idade tão môça, quando ainda de si muito havia de esperar. Raros são aqueles que atingem os 30 anos, idade em que o corpo humano está no apogeu da sua fôrça e desenvolvimento. Depois de um Club dispensar os seus serviços e ser já reconhecido o seu nulo valor. ¿Que fazer? A vida não termina nessa idade. ¡Há muito ainda para caminhar! — Estamos certos que êstes pensamentos são raríssimos no espírito dos jogadores profissionais, ou mais modernamente, amadores olímpicos!

Terminamos chamando os amigos e admiradores do *Vitória* a cerrar fileiras à sua volta, para que a vida futura tenha mais possibilidades de desafôgo, e para que o Club não deixe de existir e viver — forte e poderoso factor da progressividade de Guimarãis.

Almeida Ferreira.

Alberto Augusto

Sabemos que vamos ferir a sua modéstia ao destacar o nome do competente, hábil e criterioso treinador do *Vitória*, sr. Alberto Augusto, nesta página de homenagem rendida ao primeiro club desportivo de Guimarãis.

Esperamos, no entanto, o perdão para a ofensa, uma

ALBERTO AUGUSTO, antigo jogador internacional e actual treinador do V. S. C.

vez que estas palavras são ditadas com expontaneidade e dignas da pessoa e nome de Alberto Augusto, de sobejo reconhecido o seu valor como técnico no *foot-ball* e verificados os grandes serviços que vem prestando à causa do Desporto, e, nomeadamente, ao meio vimaranense.

Diga-se com verdade: sem os seus serviços e comprovada competência, o *Vitória* não registaria os triúnfos soberbos das suas 1.as Categorias, Reservas e 2.as, nem gozaria a beleza da organização de 2 *teans* infantis que, em 3 jogos, demonstraram o alto valor do Mestre, brindando-nos com excelentes exibições.

Dos seus ensinamentos, muito terão a aproveitar os desportistas vimaranenses.

JOSÉ PINTO RODRIGUES
ADVOGADO
(no escritório do Ex.mo Sr. Dr. António do Amaral).
Das 11 ás 13 e das 14 ás 17 horas.